

# quatro textos de laís silva **s**antana

Laís Silva Santana<sup>1</sup>

## Dezembro outra vez

Hei de chegar a Dezembro e, atando ao peito o sonho estéril, esta estação será de novo o doer a espera nervosa por um desejo, sempre em rascunho, não aberto à aventura do mundo. Quem me põe no peito uma necessidade tão urgente de escavar arquivos na esperança talvez de que a paz seja pôr ordem às coisas, senão por um sentido que lhes é natural pela ousadia de, dispensada a razão, se bastarem a ser. Vivi, isto é certo, mas indago às vezes o que foi esta vida; se uma maneira de ir gastando o presente, sendo verbo no completo infinitivo ou se me caracteriza a palavra exata do que sou neste instante em que ainda bate o coração. Há certo estilo em abraçar-se à cadeira com a despreziosidade que exige a mera especiação — o ingresso desfeito no lixo tão logo se atravessam os portões, pois sei que desde agora me restam somente maneiras de sombras não menos dispostas à própria escuridão que ao brilho de outrem; e ali vejo explicado o velho provérbio de que não se nega o leite senão para aguçar a fome, e não se inventam os remédios, senão para degustar das dores. Dezembro e seu reviver o passado há de me permitir esta nota de que não se propõem as trevas a fazer da luz mais luz; e este mês que é promessa no calendário não pode ser outra coisa no cotidiano. Que há de ser se a folha em branco se me oferece como sonho, mas tem cravado na ponta do lápis o ofício de um erro materializado em rabiscos e rasuras; sempre o erro. Seja, pois, inútil atribuir significado às coisas e às gentes, pois já nos baste estar nulos de importância e de pretexto em existir. Talvez que se toque, sob o cansaço revestido de medo, a certeza de que a verdade me espera a ser dita em silêncio; que o mais viver é depurar-se a cada dia das ilusões construídas quando deixamos de ser criança; e querer de novo o pirulito, o abraço da mãe, a roda gigante, o palhaço de rua, bicicleta nas férias... Felicidade é querer o inútil e simples. Não ainda há de se recompor a primavera sepultada sem inteira confiança, nem talvez uma surda esperança de mais verdadeira existência quando declinada aos sonhos, razão exata contudo estreita. E não se queira a verdade encontrada por busca ferrenha de um sentido, mas se ache ao acaso, por sutil insciência, um caminho a trilhar, estar sendo sem projeto e fadado ao recomeço. É dezembro outra vez, tempo de (re)sonhar.

São Paulo, 11 de novembro de 2022

---

<sup>1</sup> Graduanda em Medicina na Universidade de São Paulo (FMUSP). E-mail: laissantana@usp.br.

## 15 DE JANEIRO

E seja quinze de janeiro  
celebração de alegria constelada  
de sublime unidade,  
não mais pretensa à solidão,  
senão disposta a ensaiar a  
impropriedade  
de ser humana

Se nos foge o amanhã,  
há que se sorrir a esta flor,  
ainda agora semente

Mas tendo, ao menos,  
ousadia de se plantar,  
com ardente euforia,  
esperança intacta que,  
livre da noite,  
fica sendo sempre alvorecer

Pois há de nascer com o verão,  
mesmo a urgência sendo morrer  
itinerante da própria vida,  
a inventar-se sempre outra transfundida  
na estranha melodia do dia.

E não nos punja o receio de revelar-se  
em toda manhã  
as sete faces da mesma alma,  
mas haja sempre em cada uma  
o retrato de Letícia,  
este sinônimo exato de indissolúvel alegria.

Para Letícia Santana, sempre a nós uma promessa de alegria

## NASCE UM PROFETA

D. Laura deixou partirem as ilusões da mocidade. Que nos importa saber-lhe a idade? A boa senhora dispensava uns números e abraçava-se a outros. A fortuna exata do futuro genro, Vasco D'Acosta, não foi a uns, nem a outros, mas deixava-se estar, turva e risonha, na imaginação de D. Laura. Ideias, é certo, que as palavras moldavam e coloriam.

Ninguém que a vê agora falar da filha lhe nega um espírito engenhoso. O noivo abre os ouvidos, escurecem-se as vistas e a mocinha adentra a sala. Chamam-na Maria Victória; fresca, de riso polido e coração dócil. Os defeitos não chegam a ser de todo maus; tem a fala curta, ombros estreitos e uns olhos muito pequenos; estas janelinhas costumam a se abrir e, ao fazê-lo, Vasco espia lá dentro uma alma infinita.

Não se calcula o seu contentamento; soma uns pares, multiplica por outros e eis, no resultado, uma felicidade ímpar. Racional que era, nem a matemática ousava fracioná-la, nem a literatura descrevê-la.

Uma alma infinita!

Já não era pensamento. D. Laura ouviu o dito e, vendo o sorriso do genro, assegurou-lhe o feito. Infinita? Pois sim, e acrescenta-lhe ainda outra soma de adjetivos: muito curiosa, muito respeitosa e muito nobre. Então tinha vocação à coroa? Qual! Não falava como mãe; a verdade vinha de outros lábios e só fazia repeti-la: de fato, uma princesa!

Olhai os lírios do campo e ride com essa senhora de Salomão; Trabalhar? Tecer? Não, a sabedoria, dizia consigo, era palavra. Bendita e sagrada palavra, que vestia de honra e glória a modesta Maria Victória. D. Laura ia falando, o noivo ia ouvindo, a fé ia crescendo; saboreava a infinita não tendo em conta a alma. Demais, a conta não vinha.

Por uns breves minutos, talvez, dava-se com os trajes desbotados da mãe; um rosto amarelo, mãos delgadas, olhos débeis: tudo isso desfalecia o fervor dos primeiros instantes. D. Laura assistia a água bater-lhe nos calcanhares e estendia-lhe a mão: homem de pouca fé, por que duvidas?

A esperança tornava aos corações. Naturalmente, voltavam ambos à noiva. A palavra materna cedia-lhe sedas e pérolas, rendas e uma coroa de diamante. Vasco, deslumbrado, ia além: não, princesa era pouco; faria dela uma rainha.

Aquela flor era aurora nas pétalas e ocaso nas raízes. Cuidavam, é certo, apenas das pétalas, mas que valia mirar o tronco se a flor bela? Assim a chamava D. Laura, assim chamariam aqueles que a vissem; não vendo, porém, o crer concedia bem-aventurança.

Bem-aventurado Vasco D’Acosta; ferve a fé dentro de si e chega aos lábios em convite efusivo: desçam de Israel e Sabá para contemplar a glória de Maria Victória. Expressão digna, alma infinita, gestos polidos. E aqui e ali acudia à sogra para descrever-lhe os cabelos, o nariz, a boca, olhos, etc etc.

D. Laura, calada, sorria. Era a alegria de ver nascer um profeta.

## ESPERANÇA

Afinal, do sonho de uma vida inteira, restou apenas a vida. Nem inteira, nem metade; só a vida de tão gasta, completa. E deve conter também nesse instante o que não fui, mas desejei a despeito de toda a inverdade contida em cada gesto meu. Sobre a manhã se abate uma nova suspeita, quem sabe se à forma de desejo, de que se achar seja além de espera, uma sujeição de viver que não se resigna a ser tempo escorrido no relógio. Espero e é como se nesta espera se dissolvesse cada instante de amor guardado à força de um contínuo desejo: exista saudade e a delicadeza de se fazer presente; não hei de te olhar como se eu fosse eterno, mas limitado, pequeno e circunscrito ao mínimo instante de te perceber. Quem sabe de tão frequente visão de alegria, se faça costume sorrir ante a vida e sua graça de ser? Imensidão há de ser reconhecê-lo eterno sob a razão de ser inteiro. Já não nos confrange lembrar o mundo, em seu espetáculo, feito mais ausência que plenitude. Se não nos cabe revogar o que, fendido pelo tempo, é amostra de existir, talvez que se furte a folhear este álbum de memórias talhado em nossa pele. No mais, todo medo é esperança; senão a insensatez agasalhada pela fé no futuro, ao menos coragem mastigada e devorada à força de dedicar-se, em cada manhã, uma promessa. E sigo não mais eco de aguardo estéril, antes sopro, sussurro e silêncio, a ver insabida toda aguda e espessa tristeza. Descanso só e me esqueço lá onde surdamente só o amor dá ordens ao coração; o mais é ciência e o aceitar, mais que a foto, a paisagem. De todas as certezas, uma muda por natural descrença: já não te lembras ser impróprio ao momento o gesto de colheita afoita, pois se perderam de nós e brotam à beira do caminho como primavera nascente em descuido. Um minuto me baste, e esta flor no meio do caminho.